

O FENÔMENO DA NEGAÇÃO NAS TIRINHAS DE *ARMANDINHO*

Diogo Silva CHAGAS¹
Henrique Campos FREITAS²

Resumo: Este artigo tem como proposta apresentar uma análise do fenômeno da negação presente em tirinhas de Alexandre Beck, retiradas da página *Armandinho*, hospedada na rede social *Facebook*. A intenção de analisar as tirinhas tem como intuito destacar as circunstâncias de negação e seus sentidos. Em geral, observa-se se as negações são feitas por meio de advérbios, prefixos, pronomes ou por ironia, contrastando o que propõem os estudos normativistas e os estudos linguísticos.

Palavras-Chave: Negação; Português Brasileiro; Tirinhas.

Abstract: This paper aims to present an analysis of the phenomenon of negation that appears on strips of Alexander Beck, took from the website *Armandinho*, hosted on the social network *Facebook*. The intention of analyzing the cartoons has the purpose of highlight some circumstances of negation and their different meanings. In general, it is observed if the negations are made by adverbs, prefixes, pronouns or irony, contrasting grammar and linguistic studies.

Keywords: Negation; Brazilian Portuguese; Strips.

Considerações introdutórias

Dentre os vários fenômenos linguísticos que ocorrem nas línguas, a negação é um fenômeno recorrente em várias delas, sendo que seu funcionamento depende da língua em que ocorre. Nesse sentido, há uma série de estudos que visam observar como funciona esse fenômeno, apesar de as propostas dos estudos de gramáticas normativas serem quase sempre tidas como sendo esclarecedoras do funcionamento da negação. De acordo com esses estudos, teríamos, na Língua Portuguesa, a princípio, o uso do advérbio **não** como marcador de negação.

Entretanto, Ilari (2008, p. 122) defende uma ideia mais ampla do que propõe a Gramática Normativa, dizendo que “há muitas outras maneiras de negar, além da que consiste em aplicar a um verbo o advérbio **não**, há outras palavras e expressões que imprimem o traço semântico de negação, sendo o verbo apenas uma das possibilidades de negação”.

Já sob a perspectiva de Ferrarezi Jr. (2008, p. 185), a negação se liga diretamente à maneira com que representamos o mundo, sendo que sua complexidade instiga a um estudo mais aprofundado dos mecanismos de negação, ampliando a visão normativista de que o fenômeno da negação está apenas ligado ao uso dos advérbios e alguns quantificadores.

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (DL/PPGL/UFSCar).

² Mestrando em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/PPGEL/UFU).

A proposta do texto que segue é, então, de analisar as diferentes estruturas do fenômeno negação nas tirinhas *Armandinho*, de Alexandre Beck. Na análise, serão considerados os fenômenos de negação relevantes para a Gramática Normativa (GN) e os Estudos Linguísticos (EL).

A negação sob a perspectiva das Gramáticas

Tal como destacamos, há vários estudos que se engajam em analisar e descrever o fenômeno da negação. Esses estudos podem ser separados (numa divisão bem generalista) entre os de gramáticas (doravante EG) e os linguísticos (doravante EL)³. Nesta seção, nos atentamos ao que é possível destacar sobre a negação sob a perspectiva das gramáticas.

Assim sendo, após revisão bibliográfica em gramáticas normativas como Mesquita (2004), Bechara (2005; 2010), Cegalla (2010) e Cunha e Cintra (2008), pudemos observar que o fenômeno da negação está quase sempre ligado ao advérbio de negação **não** e, às vezes, ao advérbio **tampouco**. Em Mesquita (2004), por exemplo, esse tópico aparece na unidade que se dedica aos advérbios, dentre as circunstâncias adverbiais, num quadro explicativo (quadro 1).

Quadro 1: Circunstância adverbial

Circunstância	Advérbio	Locução Adverbial
<i>Negação</i>	<i>não, tampouco, absolutamente, nunca</i>	<i>de modo algum, de jeito nenhum, de forma alguma</i>

Fonte: Mesquita (2004, p. 350)

Nesse sentido, podemos observar que junto aos advérbios está ligada a ideia de “modificadores dos verbos”, sendo, então, necessário colocar essa circunstância de negação dentro de uma unidade maior, neste caso àquela relacionada à ordem sujeito+verbo+predicado. Bechara (2010), discorrendo sobre os advérbios, aponta que estes alteram o valor do “estado de coisas” da oração, pois, expressam circunstâncias, e a circunstância de negação seria expressa por meio de advérbios, como nos exemplos que enumera (grifos originais):

- (1) Ele veio. / Ele **não** veio. (negação)
- (2) O aluno talvez **não** tenha redigido muito bem. (dúvida, negação, intensidade e modo)
- (3) Hoje **não** irei lá. (tempo, negação e lugar)

Nestes estudos, a ideia de negação também aparece quando são tratadas as questões dos prefixos, tais como **a-**, **an-**, **des-**, **i(n/m)-**. O quadro 2 mostra como esta questão aparece em Mesquita (2004) na seção de prefixos:

³ Consideramos aqui uma visão bem simplificada da noção de gramática e linguística. Por gramática entenderemos, neste texto, os estudos que descrevem a língua enquadrada em normas. Por conseguinte, por estudos linguísticos entenderemos como sendo os que se dedicam a analisar e explicar fatos da língua em seu uso, além das classificações normativas.

Quadro 2: Prefixos gregos e latinos indicadores de negação

Prefixos Gregos	Exemplos	Prefixos Latinos	Exemplos	Sentido
a-, an-	anarquia, acéfalo	des-, in-, im-, i-	desnecessário, desfazer, infeliz, impróprio, inevitável, imortal	negação

Fonte: Mesquita (2004, p.119)

A mesma classificação aparece em outras gramáticas normativas, como a de Rocha Lima (2008) e Bechara (2010), sendo que neste último, ainda aparece o prefixo latino **dis**, como nas palavras **discordância** (**dis**+concordância) e **difícil** (**dis**+fácil).

Retomando Mesquita (2004), o autor aponta, ao tratar do emprego dos pronomes, mais especificamente dos indefinidos, que **algum/nenhum** podem aparecer com sentido tanto positivo quanto negativo, dependendo da posição em relação ao substantivo. São exemplos de Mesquita (2004, grifos originais):

(4) “**Alguma** coisa acontece no meu coração que só quando cruzo a Ipiranga e a Avenida São João [...]” (Caetano Veloso).

(5) “Já não interessa a descrição do corpo... que anúncio **algum** proverá” (Carlos Drummond de Andrade).

Em (4), o valor é positivo, pois, o pronome indefinido **algum** está anteposto ao substantivo. O sentido é alterado em (5), em que o pronome está posposto ao substantivo, levando a um sentido de negação que possui valor conotativo mais forte que em **nenhum**.

Já Bechara (2010) acrescenta que o emprego do pronome posposto ao substantivo ocorre com maior frequência, em que estão presentes expressões negativas (**não**, **nada**, **sem**, **nem**), e “em interrogações oratórias ou depois de substantivo precedido da preposição **sem**: ‘Era pessoa sem escrúpulo *algum*’” (p. 160), e exemplifica:

(6) Não tenho dinheiro **algum**./Não tenho **nenhum** dinheiro.

(7) “É Rita Santa, costureira, moça desimpedida, a qual **não** dá notícia **nenhuma**” (Carlos Drummond de Andrade).

(8) “Eu, Marília, **não** fui **nenhum** vaqueiro”. (Tomás Antônio Gonzaga)

Ao observar (6), **nenhum** equivale a **nem um**, que é a forma negativa de **algum**. Em (7), pode equivaler ao indefinido **um** quando reforçado pelo **não**: “*não* dá notícia *nenhuma*”, ou seja, “*não* dá *uma* notícia”. O mesmo acontece no exemplo (8): “*não* foi *nenhum* vaqueiro”, isto é, “*não* foi *um* vaqueiro”.

(9) Tantos ela quis e não lhe sobrou **nenhum**.

Tantos ela quis e não lhe sobrou **nem um**.

Neste último exemplo (9), quando se substitui o **nenhum** por **nem um**, a expressão possui maior ênfase, ou seja, “nem um só, nem um qualquer”. Vale ressaltar as proposições de Bechara (2010), em que o pronome **nenhum** reforça o advérbio **não** e que, sem ênfase, o pronome aparece anteposto ao substantivo e, caso haja intenção de enfatizar, o pronome aparece posposto. O autor destaca ainda que, enquanto o termo **nenhum** generaliza o que está sendo negado, **nem um**, por conseguinte, faz referência à

unidade, assim como o exemplo (9), em que **nenhum** é pronome indefinido e **um** é numeral.

Ainda de acordo com as gramáticas, Perini (2010), num viés descritivo, aponta para o fato de que, dentro da semântica da oração, são incluídos outros termos que não os verbos e advérbios, sendo um desses termos a negação verbal indicando que “evento expresso pelo verbo não é (ou era, ou será) verdadeiro” (p. 93). Para ilustrar, apresenta o seguinte exemplo:

(10) O vovô **não** suporta barulho.

Perini (2010) completa que “a negação verbal se posiciona logo antes do verbo, e com frequência é complementada por outra negação no final da frase” (p. 94). Nesse caso, a primeira negação é átona, com pronúncia [nũ] e a segunda é tônica e se pronuncia [nãu]. Trata-se, portanto, de uma dupla negação.

(11) Eu **não** gostei desse suflê **não**.

Este é apenas um dos exemplos que Perini (2010) aponta, pois, há vários outros posicionamentos do advérbio **não** na oração, como negação depois do verbo, negação verbal, negação nominal e adverbial, **nem** e **sequer**, negação e afirmação independentes.

A negação sob a perspectiva dos Estudos Linguísticos

Sendo consideradas as informações postas previamente, os estudos linguísticos trabalham de forma a explorar mais o fenômeno em questão, aprofundando-o em várias outras maneiras de expressar a negação, que não apenas o que a gramática normativa propõe (advérbios de negação, prefixos com sentido de negação e os pronomes indefinidos).

Vale ressaltar que, nos estudos sobre a argumentação, a negação ganha destaque, haja vista que os enunciados afirmam, na maioria das vezes, algo já exposto, pressupondo algum significado das frases que compõe o enunciado. Cabral (2011) assinala que todos os pressupostos existentes em um enunciado já são previstos na significação da frase, através de uma reflexão individual do falante. Nesse sentido,

- os pressupostos de um enunciado se mantêm afirmativos na negação e na interrogação;
- a ligação de subordinação não atinge o pressuposto, mas somente o posto. Testamos esses postulados em um exemplo, para mostrar como funciona o pressuposto. Tomemos o enunciado:
José não continua doente. Posto = “José não está doente”; Pressuposto = “José já estava doente anteriormente à minha enunciação” (CABRAL, 2011, p. 64)

Assim, na negação, o pressuposto também se mantêm, não havendo nenhuma alteração no sentido presente no enunciado, o que indica que a negação continua de forma fixa na enunciação, isto é, já estava inscrita no conteúdo oracional.

Ferrarezi Jr. (2008) ressalta o fato de que “existem formas de negar mais sutis ou mais grosseiras, utilizadas em situações sociais diferentes, que se prestam de diferentes propósitos” (p. 185). O autor acrescenta que essas formas variam desde pequenas palavras de sentido negativo à ironia, exageros, ou até mesmo um silêncio que possuem sentido

negativo. A negação, ainda de acordo com Ferrarezi Jr. (2008, p. 185), pode negar tanto o sentido de uma palavra, uma parte do texto ou o texto inteiro.

A ironia, por exemplo, para o linguista “é uma forma de deixar subentender a negação” sendo comum no relacionamento social (p. 188), vejamos:

- (12) – Esse país não vai crescer enquanto não investir em produção agrícola!
 – É verdade... Poderia investir em plantação de capim, já que não vai investir mesmo em educação...

Ilari (2008, p. 122) acrescenta que “negamos toda vez que excluimos uma possibilidade” e aponta para o fato de que o verbo é apenas um dos aspectos a serem considerados ao analisar a negação dentro de uma oração. Ao descrever as formas em que a negação pode ser expressa, Ilari (2008) retoma a questão do advérbio **não**, dos pronomes indefinidos (**nenhum**, **nada** e **ninguém**) e acrescenta uma série de outras possibilidades, como operadores antepostos à sentença (**é falso que**, **não é verdade que**), verbo auxiliar (**deixar de**), conjunção (**nem... nem...**), ou prefixos (**não-**, **sem-**). Dessa forma, a negação pode recair sobre vários segmentos dentro de uma oração. Ilari (2008) menciona ainda outras formas de negação: a palavra, parte do enunciado, o verbo, os quantificadores, o nexos expresso por certas conjunções.

Em capítulo que trata operações semânticas sobre construções, Ilari e Geraldini (2006) apontam o fato de que “a noção de escopo ajuda-nos a compreender a negação como uma operação significativa que não afeta necessariamente todos os conteúdos da oração que ocorre” (p. 34-5). Compreende-se como sendo escopo o “conjunto de conteúdos semânticos sobre os quais uma operação significativa atua” (ILARI e GERALDINI, 2006, p. 33), sendo exemplos de escopo:

- (13) a. Os mudos não são surdos necessariamente.
 b. Os mudos não são surdos, necessariamente.

Em (13), “as alternativas de escopo dizem respeito à interação da negação com advérbio *necessariamente*” (p. 34). Nesse sentido, Ilari e Geraldini (2006) complementam dizendo que, numa visão ampla sobre advérbios, podem ser classificados em **advérbios de frase** e **advérbios de enunciação**.

Algumas pesquisas na área fazem levantamento do uso das partículas negativas com aporte teórico tanto nos estudos gramaticais quanto de fundamentação linguística, trabalhos como os de Seixas *et al* (2012), Santana e Nascimento (2011) e Cunha (2001). Nesses trabalhos, a negação é observada através do posicionamento do advérbio de negação **não** em relação ao verbo. Os três trabalhos discorrem a partir do funcionamento e dos fatores que interferem para as escolhas estruturais das sentenças.

De acordo com estes autores, existem três estratégias de negação no português brasileiro por utilização adverbial negativa. São elas:

- a) negação pré-verbal ou negativa canônica: *não* + verbo

(14) Eu **não** discordo dele.

- b) dupla negação ou negativa dupla: *não* + verbo + *não*

(15) ...**não** vou falar agora a letra do cântico **não**, que é muito difícil...

c) negação pós-verbal ou negativa final: verbo + *não*

(16) Casei **não**, vivo junto, né?

Sobre as construções negativas, Santana e Nascimento (2011) dizem que “se diferenciam do ponto de vista da situação comunicativa, mas não no aspecto sintático, coexistindo e interagindo no ‘ciclo da negação’”, acrescentando que “a estrutura pré-verbal (a padrão) é mais frequente em relação às estruturas de negação dupla e final, que são usadas em contextos restritos/ específicos” (p. 15).

Santana e Nascimento (2011) apontam, também, para a origem dos tipos de negação, considerando esses modelos de negação em relação ao verbo, em que a negação pré-verbal teria uma base europeia, enquanto que a dupla negação e negação pós-verbal seriam de origem das línguas africanas. Seixas *et al* (2012), por sua vez, denominam as formas de negação diferentes da canônica como **variantes inovadoras**.

Em uma distribuição analítica de dados feita por Cunha (2001), o autor discorre sobre questões relacionadas aos usos do advérbio **não** atrelado às questões de escolaridade e suas ocorrências em textos falados ou escritos. Destaca-se o fato de que a dupla negação e a negação pós-verbal são ocorrências da fala, enquanto que na escrita há ocorrência apenas da negativa canônica pré-verbal.

A leitura dessas pesquisas realizadas por Cunha (2001), Santana e Nascimento (2011) e Seixas *et al* (2012) aponta para procedimentos de pesquisas bastante ligados às formas de negação comuns, observando as variações referentes ao posicionamento do **não** em relação ao verbo, considerando fatores sociais, etários, de escolaridade, gênero, dentre outros, sendo observado, em todas as pesquisas em destaque, o fato de que há tendências e uma lógica de escolha estrutural no que se refere tanto à escrita quanto à fala.

Ducrot (1987) apresenta a negação como uma força argumentativa, pois é ela quem faz o encadeamento das pressuposições presentes nas orações, (não) prevendo afirmações ou formulação de hipóteses; é ela que poderá indicar os caminhos possíveis de uma polifonia do enunciado através de três tipos: a) negação descritiva; b) negação metalinguística; c) negação polêmica. Conforme o autor, a primeira faz com que o locutor descreva um discurso, sem retomar aquilo já dito. “[...] se opondo a um discurso contrário” (DUCROT, 1987, p. 203). Já a negação metalinguística, “[...] contradiz os próprios termos de uma fala efetiva à qual se opõe” (*op. cit.*), retomando o enunciado já dito para que se possa negar em seguida. A negação polêmica é mais presente nos enunciados porque opõe dois enunciadores com pontos de vista opostos.

Já a Gramática Sistemico-Funcional (GSF), proposta por Halliday e Matthiessen (2004), apresenta a negação como um elemento interpessoal a qual pode ser mais bem avaliada na metafunção interpessoal – oração como troca. Nesses tipos de orações, há uma representação das diversas “faces” da linguagem, isto é, há possibilidades de interações, através do texto em uso, com as pessoas no meio social, estabelecendo e desenvolvendo, conforme Fuzer e Scotta Cabral (2014, p. 103) diversos papéis, dentre eles sociais, identitários, etc.

Vale salientar, também, que as orações são analisadas como representações da realidade através da interação entre falante e ouvinte. Assim, sobre a negação, a GSF diz que ela é um elemento de polaridade, ou seja, o produtor do texto faz a escolha entre a polaridade positiva ou negativa:

Expressa-se, tipicamente, por um elemento finito, que pode ter uma forma positiva (é, foi, está, tem, pode) ou negativa (não é, não foi, não está, não tem,

não pode) ou adjunto modal de polaridade (sim, claro, não). (FUZER e SCOTTA CABRAL, 2014, p.112)

Geralmente, há recorrência desse tipo de adjunto modal de polaridade em orações interrogativas, que expressam claramente uma posição da informação dada (sim/não), como nos exemplos a seguir:

- (17)
 Vamos à biblioteca?
 Sim. / Não
 Sim, vamos. / Não vamos.
 Claro. / Nem pensar.

Essas polaridades podem situar-se em uma escala argumentativa, desde o mais forte ao mais fraco, ou do menos negativo ao mais positivo, construindo a modalidade⁴ escolhida pelo produtor do texto. Nesse sentido, Ducrot (1987) salientou que o locutor é quem estabelece essa relação hierárquica entre esses elementos argumentativos, conduzindo a uma conclusão mais forte ou mais fraca, dependendo da intencionalidade moldada pela modalidade.

Assim sendo, podemos considerar que a negação está presente em diversos enunciados e, com isso, indica-nos o teor negativo do enunciador sobre tal fato transcorrido, na busca do reconhecimento polifônico também instaurando no nível oracional. Também, após tal leitura bibliográfica, nota-se que o aprofundamento do fenômeno da negação possibilita uma maior visão das formas como o traço semântico negativo pode aparecer, não apenas mediante as formas comumente indicadas nas gramáticas normativas.

As tirinhas *Armandinho*: características do gênero e procedimentos metodológicos

Ao selecionar o *corpus* de pesquisa, optou-se por um material que circulasse no âmbito social com uma linguagem formal, que fosse comum e de fácil acesso aos falantes do Português brasileiro. As tirinhas *Armandinho* circulam na rede social *Facebook* com conteúdo disponível para livre acesso.

As tirinhas são uma forma do gênero das histórias em quadrinhos (HQ's) que, de acordo com Moura (2012, p. 36), “é uma narrativa feita por imagens, que vem geralmente acompanhada por textos colocados em balões cada imagem, quadrinho ou vinheta representa uma ação”. Ramos (*apud* RAMOS, p. 1) coloca que as HQ's são um hipergênero por agregar “elementos comuns aos diferentes gêneros quadrinísticos”.

As HQ's fazem parte da cultura e se constituem de signos verbais e signos não verbais, assim como acrescenta Moura (2012, p. 36) e “podem ser entendidas por todos os leitores, sejam letrados, iletrados, adultos, crianças”⁵. Silva (2010 *apud* Moura, 2012, p. 36) evidencia que “a linguagem destas histórias é coloquial e está composta por

⁴ Modalidade é um recurso interpessoal utilizado para expressar significados relacionados ao julgamento do falante em diferentes graus. Refere-se a como falantes e escritores assumem uma posição, expressam uma opinião ou ponto de vista ou fazem julgamento (FUZER e SCOTTA CABRAL, 2014, p. 114).

⁵ Não concerne a este texto discussões sobre letramentos, mas, é preciso destacar que tal proposição só é válida considerando um público leitor de HQ's que tem práticas de letramento semelhantes para que “todos” possam compreendê-las, uma vez que é fazem um diálogo direto ou indireto com informações e textos prévios as suas publicações.

símbolos, imagens, expressões dos personagens numa rica interação com o leitor que por sua vez devem ser interpretadas”.

O gênero tirinha é, normalmente, utilizado para entretenimento e, muitas vezes, aborda perspectivas sociopolíticas e culturais em determinadas sociedades. A escolha do gênero se deve ao fato de que, em alguns casos, o uso das circunstâncias negativas acontece de diferentes maneiras. Tais ocorrências de negação foram observadas no *corpus* selecionado, porém não analisamos os fenômenos específicos de negação, mas sim as diferentes formas mediante as quais a negação pode aparecer no enunciado.

Para a análise, foram considerados signos verbais dos textos selecionados sob a luz das teorias que discorrem sobre o fenômeno da negação, considerando tanto os estudos da GN quanto dos EL.

A negação nas tirinhas *Armandinho*

Feito um breve percurso teórico sobre o fenômeno da negação, as análises que seguem se embasam nos preceitos teóricos vistos, e tentam apontar algumas das possíveis formas de negação, não sendo objetivo observar apenas os tipos de negação apontados pelas gramáticas nem esgotar as possibilidades do fenômeno, mas sim discorrer acerca dos dados selecionados.

Por uma questão de ordem estrutural do texto, as primeiras figuras trabalham com recursos de negação previstos pelas gramáticas e, na sequência, exemplos de negação dados por níveis de significação diferenciados, conforme as figuras que seguem.

Figura 1: Tirinha publicada em 7 dez. 2012



Fonte: *Armandinho*

Figura 2: Tirinha publicada em 8 maio 2013



Fonte: *Armandinho*

Nas figuras 1 e 2, é possível destacar três exemplos que recorrem aos recursos de negação previstos pela gramática normativa, a saber: os advérbios **não** e **nunca**. Em ambas, a negação aparece por colocação adverbial anterior ao verbo:

- “...mas **nunca** fica pronto...” (Figura 1)
- “**Não** chora, pai!”
- “**Não** invente desculpas pra não ler... e leia!” (Figura 2)

Em “... *mas nunca fica pronto...*” (cf. Figura 1), o advérbio confere ao verbo ideia de não estar pronto, negando o pressuposto de preparar-se, como se verifica em “*Pra essas coisas a gente até se prepara...*”. Neste exemplo, além de negar o verbo, o advérbio agrega sentido de continuidade dessa negação, ou seja, o sujeito não está preparado não apenas no momento em que enuncia, além disso indica uma constância deste estado, confirmando o que Cabral (2011) assinalou sobre a pressuposição, ao afirmar que esse recurso está previsto na semântica do enunciado, haja vista que o falante apresenta uma reflexão individual daquilo que está sendo discutido.

No segundo excerto, há um tom imperativo na fala de Armandinho, apesar de a conjugação verbal não estar adequada de acordo com a norma gramatical padrão: “não chores tu” e “não chore você”. A posição anterior ao verbo do advérbio de negação reforça ainda mais esse tom imperativo atribuído ao verbo. O último trecho, “*Não invente desculpas pra não ler... e leia!*”, está adequado ao que se propõe na GN, “não inventes tu” e “não invente você”, e incorpora o mesmo sentido conferido ao exemplo anterior.

Figura 3: Tirinha publicada em 15 dez. 2012



Fonte: Armandinho

Na tirinha acima (figura 3) é possível observar três traços de negação nas falas de Armandinho em conversa com seu pai. São eles:

- “**Não** precisamos ser tão críticos, Dinho...”
- “**Olha quem fala!**”
- “Você é **intolerante** até à lactose!”

No primeiro trecho, observamos o uso do advérbio **não** posicionado anteriormente ao verbo (precisamos), para dar sentido de negação ao próprio verbo. Verificamos, ainda, o que Ducrot (1987) apresentou como relação hierárquica do elemento argumentativo, assim como o que a GSF apresenta como um elemento interpessoal atinente à polaridade negativa representada pela negação “não” conduzida por parte do interlocutor a uma conclusão mais forte da informação negada. No exemplo, não é necessária a crítica tão forte quanto à feita por Dinho, destacando a modalidade escolhida pelo produtor do texto.

No terceiro exemplo, contata-se o uso do prefixo latino **in-** adicionado à palavra **tolerante**. Em Bechara (2010), “vimos que os prefixos assumem valor semântico que empresta ao radical novo significado” (p. 512). Nesse sentido, verificou-se o traço semântico de negação agregado à palavra **tolerante**.

No segundo exemplo, a negação está presente no nível extralinguístico, pois, “*Olha quem fala!*” não possui nenhuma marca linguística de negação conforme o que prevê a gramática normativa. Retomamos, então, Ferrarezi Jr. (2008) que discorre sobre o fato de poder existir negação de outras maneiras que não o uso de partículas negativas na sentença. No caso da tirinha, há uma negação ao enunciado dito pelo pai anteriormente: “*A vida fica mais leve se formos mais tolerantes!*”, que só é compreendida pelo fato de que, na sentença “*Olha quem fala!*” há uma carga semântica negativa atribuída por uma questão pragmática: a ironia.

Ferrarezi Jr. (2008) aponta ainda para o fato de que a cultura popular produz muitas expressões de negação, sendo que “*Olha quem fala!*”, dado o tom irônico do enunciado, é um exemplo disso. Como dito, a ironia deixa subentender a negação e que, dependendo do relacionamento e do tom dado à ironia expressa, pode ser vista como algo grosseiro ou aceito numa boa, completa o linguista (p. 189).

Interessante destacar que, retomando as pesquisas apontadas por Seixas *et al* (2012), Santana e Nascimento (2011) e Cunha (2001), o emprego do advérbio **não** na Figura 3 segue o padrão identificado nas referidas pesquisas. Por mais que a tirinha tenha características que reproduzem a produção oral, o texto das tirinhas obedece à ordem canônica de posicionamento pré-verbal do advérbio não.

Figura 4: Tirinha publicada em 4 ago. 2013



Fonte: Armandinho

Observamos outro exemplo de uso de sufixo indicando negação, em que o sufixo **dis-** é utilizado na fala “*...e um grandão discordou de mim...*”, para expressar a ideia de que, ao dizer que as competições de MMA são violentas, um grandão qualquer não concordou com o que fora dito.

Neste caso, **discordou** é uma flexão verbal do verbo **discordar** que é, por sua vez, uma variação prefixal de **acordar** (empregado, neste caso, com o sentido de resolver de comum acordo, concordar, ficar de acordo; cf. dicionário Aurélio, 2010), caso de negação previsto nos estudos de Bechara (2010).

Figura 5: Tirinha publicada em 9 maio 2013



Fonte: Armandinho

- “Estou falando dos adultos!”

Na figura 5, nota-se que há uma espécie de humor causado por um tom irônico na fala de Armandinho “*Estou falando dos adultos*”, que serve como expressão de negação ao enunciado anterior “*Jovens são o futuro!*”. Neste caso, não há uso de expressão popular, trata-se apenas de um enunciado em situação conversacional em que obtemos uma resposta contrária o que foi dito anteriormente. Percebe-se que não há uso de partículas estritamente negativas, bem como não se trata de expressões, normalmente, negativas.

A figura 6, a seguir, apresenta uma negação, aparentemente, difícil de se reconhecer. Armandinho faz uma prece em pedido de bênçãos aos familiares, aos amigos e a todas as pessoas do mundo e no final faz uma ressalva:

Figura 6: Tirinha publicada em 12 dez. 2012



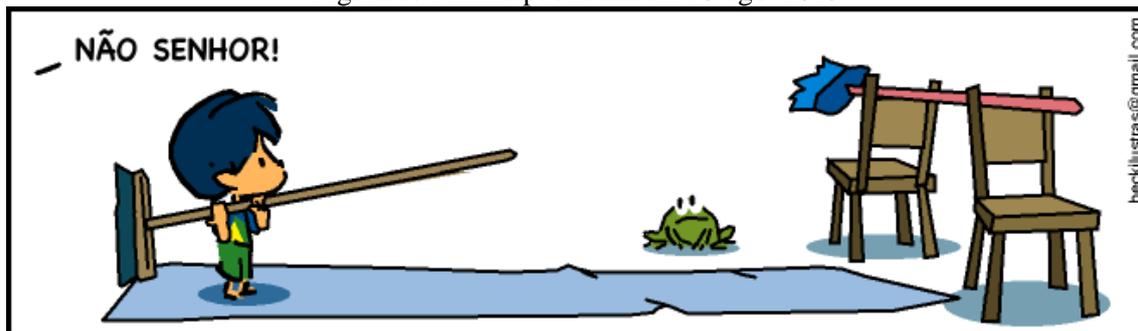
Fonte: Armandinho

- “**Menos** aquelas que furam fila em engarrafamento!”

O advérbio **menos** tem caráter de subtração e de exceção, o que não é, a princípio, fenômeno de negação. Entretanto, dado o contexto, a preposição assume o sentido de negação, pois, exclui “aquelas (pessoas) que furam fila em engarrafamento” dos pedidos feitos, em prece, por Armandinho, uma vez que o quantificador **todas** não faz exceções no caso da tirinha, porém, após pausa e aparente reflexão, Armandinho destaca a exceção e acaba por negar o quantificador “todas”, que diminui seu sentido amplo no texto.

Como último exemplo, temos a seguinte figura:

Figura 7: Tirinha publicada em 13 ago. 2013



Fonte: Armandinho

A figura 7 tem um exemplo de negação por uso do advérbio **não**, mas não há presença de verbo na fala, de algum adulto, pressupõe-se, implícito pelas imagens. A negação ocorre por uma série de inferências possíveis pelo conhecimento de mundo do leitor.

A expressão “*Não senhor!*” é, geralmente, proferida em tom autoritário com sentido de negar alguma proposição feita anteriormente, por isso, o verbo é implícito. É também uma expressão comum na linguagem entre pais e filhos, por isso, imagina-se que tenha sido dita pelo pai ou mãe de Armandinho.

Na tirinha, Armandinho montou uma pista de salto com vara improvisada com cadeiras e vassouras, e pretende executar o salto à imitação de um atleta profissional, substituindo a vara por uma vassoura. Diante de tal contexto, o enunciado “*Não senhor!*”, ganha sentido de “Não faça isso!”, dando ao advérbio o sentido completo, pois, como se prevê, o advérbio deve mudar o sentido de um verbo, ou agregar a ele maiores informações, obtidas por inferências feitas por indicações dadas não apenas a nível textual, com palavras, mas também pelo texto imagético, com suas informações contidas, e pelo conhecimento de mundo do leitor.

Considerações finais

A partir das concepções teóricas de gramáticos e de linguistas, a respeito do fenômeno da negação, propusemos, neste texto, alguns questionamentos quanto ao uso dessa estrutura. É importante salientar também que o fenômeno da negação é muito vasto, sendo assim, em nossa análise, selecionamos alguns mecanismos dentre os diversos aspectos vistos no uso das estruturas negativas.

Consideramos que a negação pode estar presente nas sentenças de maneiras diferentes, portanto, em nossa análise, abordamos as sistematizações dos fenômenos na gramática normativa e na visão de alguns linguistas.

Depois da coleta de dados e pesquisas dos autores que abordam o tema da negação, buscamos identificar as estruturas e o uso desse fenômeno nas tirinhas de *Armandinho*. Dentre as construções negativas analisadas, destacamos uma maior frequência da estrutura que faz o uso da palavra **não** como modificador dos verbos, ou seja, advérbios na posição anterior. Em nossa pesquisa, também identificamos uma maior frequência no uso de negação predicativa, em que o reforço da negação pode ser obtido pela repetição da palavra **não** ao final do enunciado.

Destacamos ainda que as frequências de cada formação negativa podem estar relacionadas às condições de uso da negação, com variações no uso da estrutura padrão, podendo ser a negação entendida pelo contexto, não só por meio de marcas linguísticas

previstas e classificadas, mas também a partir de pronomes indefinidos, sufixos de negação e do próprio advérbio **não**.

Referências

- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 38ª ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.
- _____. **Gramática Escolar da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- BECK, A. **Armandinho**. Disponível em: <https://www.facebook.com/tirasarmandinho/>. Acesso em: 12 fev. 2016.
- CABRAL, A. L. T. **A força das palavras: dizer e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CEGALLA, D. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.
- CUNHA, C.; CINTRA L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- CUNHA, M. A. F. O Modelo das Motivações Competidoras no Domínio Funcional da Negação. **Revista D.E.L.T.A.** ano 17, n. 1, 2001.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Revisão técnica e tradução Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- FERRAREZI JR., C. **Semântica para a educação básica**. São Paulo: Parábola Editoria, 2008.
- FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Positivo, 2010.
- FUZER, C.; SCOTTA CABRAL, S. R. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 4ª ed. London and New York, Routledge, 2004.
- ILARI, R. **Introdução à Semântica: brincando com a gramática**. 7ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- ILARI, R.; GERALDI, J. W. **Semântica**. 11ª ed. São Paulo: Ática, 2006.
- MESQUITA, R. M. **Gramática da Língua Portuguesa**. 8ª ed. São Paulo: Saraiva, 2004.
- MOURA, E. C. J. **Análise do discurso contestatório nas tirinhas da Mafalda**. 2012. 48f. Monografia (Licenciatura em Letras: Português/ Inglês e respectivas literaturas) Universidade Estadual de Goiás, 2012.
- PERINI, M. A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- RAMOS, P. **Tiras, gênero e hipergênero: como os três conceitos se processam nas histórias em quadrinhos?** In: VI Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais, 2011, Natal. **Anais do..** Natal: UFRN, 2011.
- ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 47ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Ltda, 2008.
- SANTANA, J. C. D.; NASCIMENTO, P. B. S. A Negação no Português Falado da Matinha/BA: um estudo sociolinguístico. **Revista Letra Magna**. ano 7, n. 14, 2011.
- SEIXAS, V. C. et al. Construções negativas na fala de moradores da zona rural do município de Piranga, Estado de Minas Gerais: uma análise variacionista. **Acta Scientiarum. Language and Culture**. Maringá, v. 34, n. 2, p. 269-276, jul-dez, 2012.

Submetido em 09 de abril de 2017. Aprovado em 28 de junho de 2017.